10.17771/PUCRio.escrita.12485

EU ERA MOTORISTA...

Eduardo Rocha

...na época do acontecido. Motorista do seu Antônio Modesto Silveira. Seu Modesto, adorava uma puta, mas uma puta de luxo, daquelas. Eu vivia para cima e para baixo entre os negócios do chefe, as desculpas esfarrapadas e os encontros com a criatura. Pois bem, sempre tive cara de consultor sentimental, padre de confessionário, de otário para ouvir lamúrias e dar conselhos e, num dia qualquer, sem aviso, Carolina desembestou a conversar comigo e inevitavelmente viramos amigos e eu acabei fazendo vezes de ouvido, e, claro, acabei querendo, muito, comê-la, mas não tava apaixonado, tipo babaca, não estava, mas também não queria bagunçar, queria comer bem, comer direito. A mulher era muito, muito gostosa e ainda por cima, gente fina, combinação complicada, sem mencionar que, mulher do patrão é job, é trampo, é trabalho.

Conforme fui ficando à vontade com a Carol, de vez em quando escapava uma sacanagem ou outra, mas ela, obviamente, levava na boa e não atrapalhava nada. Mas, um dia, daqueles comuns e, eu até estava me sentindo algo como um merda, barba por fazer, problemas em casa e mais outras enrolações. Cara, eu acho que mulher não resiste a isso, ao homem semi-derrotado, naqueles dias de malandro-com-cara-de-quero-colo, sacou? Pode me sacanear, eu mereço, mas a sacanagem maior foi essa aqui: me vira a Carol, depois de um bolo que o patrão deu, por que a patroa tava de marcação boxe quadra toda, e diz com a cara mais lavada do mundo:

— Érico, eu vou te dar, levanta daí que eu vou te dar o que eu nunca dei pra ninguém.

Fosse o que fosse que ela ainda tivesse para dar, nem que fosse lorota, mentirinha, foda-se, levantei e pensei "maluco, eu vou comer essa mulher toda e eu não quero nem saber". Carolina veio, com um abraço irrecusável, me desarmou, me olhou na cara e me deu um beijo, mas um beijo, rapaz, nem foi de língua, mas também não foi exatamente sem, não foi um selinho, foi um beijo e eu ali, descobrindo que eu nunca tinha beijado antes, porque se aquilo era um beijo, eu era virgem, era um nada, um José Arruela de primeira marca. A mulher me beijou e eu fiquei ali e de certa forma, lá estou até hoje, aquele solzinho de fim de tarde, aquele cheirinho de maresia e de chopinho e o barulho das ondas quebrando e a minha cara de idiota, de apaixonado instantâneo vendo ali na minha frente o amor da minha vida. Carolina entrou no carro e me disse calmamente para que me levasse de volta para sua casa, um flat.

Carolina sumiu, nunca mais a vi, procurei muito e não a achei nunca mais, nunca mais sequer soube dela. Seu Modesto ficou chateado, mas só isso. Eu, até hoje, procuro

por ela. De vez em quando consigo até não lembrar, mas vez na vida outra na morte eu passo pela orla, aí não tem jeito. Disseram que ela voltou para a família sabe-se onde, me disseram que ela acabou saindo da vida e casando, me disseram até que… bem, nem consigo pensar nisso e claro que é mentira. O fato é que Carol sumiu, a vida seguiu seu curso, mas basta eu relaxar um pouco e fechar os olhos, basta fechar os olhos...

10.17771/PUCRio.escrita.12485